

A PRESENÇA DE MULHERES INTELECTUAIS NO PENSAMENTO FILOSÓFICO-RELIGIOSO MEDIEVAL

*Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa**

Resumo: É corrente se afirmar que antes da Modernidade não há registro de mulheres na construção do pensamento filosófico-religioso erudito. Que, se tomarmos, por exemplo, à Filosofia e à Teologia, que foram as duas áreas do conhecimento que mais produziram intelectuais durante a Idade Média, não encontraremos aí a presença de mulheres. Entretanto, apesar de todas as evidências, se vasculharmos a construção do Pensamento Ocidental, veremos que as mulheres sempre estiveram presentes, contribuindo indireta ou diretamente, seja como sujeito passivo ou ativo desta história, e até é possível identificamos a presença de algumas delas já nos tempos remotos, na Antiguidade Clássica e na Patrística (ou Alta Idade Média). Mas é na Escolástica (Baixa Idade Média) que encontramos as primeiras Pensadoras, responsáveis por um sistema autônomo, destacando-se como fecundas escritoras, donas de Obras tão profundas e importantes quanto às produzidas pelos homens de seu tempo, com os quais muitas vezes dialogaram em pé de igualdade. Dentro desse maravilhoso universo feminino do conhecimento da Escolástica, destacamos, até onde os registros nos permitem, os nomes de algumas Pensadoras, tais como Trotula di Ruggiero (séc. XI), Idelgarda de Bingen (1098-1165), Elizabeth de Shönau (1129-1165), matilde de Hackeborn (2141-1299), Matilde de Magdeburgo (1210-1299), Gertrudi, a Grande (1256-1302), Margherita Porete (†1310) e Cristina Pisan (1364-1430), dentre outras, das quais falaremos um pouco nesta comunicação.

Palavras-Chave: Idade Média, Escolástica, Mulheres Intelectuais.

Introdução

É corrente se afirmar que antes da chamada Modernidade não há registro de mulheres na construção do pensamento erudito. Que, se tomarmos, por exemplo, à Filosofia e à Teologia, que foram as duas áreas do conhecimento que mais produziram intelectuais durante a Idade Média, as quais muitas vezes se entrecruzaram, não encontraremos a presença das mulheres.

Realmente, se tomarmos como base alguns dados empíricos, como, por exemplo, os Manuais ou Compêndios de Filosofia (comumente chamados de História da Filosofia), pelo menos na sua grande maioria, não aparece nenhuma mulher na lista dos chamados Filósofos¹. Bem como, nos Manuais de Teologia, há uma ausência total das mulheres, e não é por acaso que a chamada Patrística é sinônimo de Padres da Igreja.

E mesmo na Contemporaneidade, em que as mulheres conquistaram elevado espaço nas mais variadas áreas do fazer teórico e prático, mesmo assim, em determinadas áreas do conhecimento ainda coloca-se sob suspeita a atribuição de certos títulos ou estatutos científicos a mulheres, como, por exemplo, é muito discutível e os autores dos Manuais de Filosofia ainda não se sentem confortáveis em classificar e apresentar como “Filósofas” certas mulheres que se apresentam como tal. É o caso, por exemplo, de Hannah Arendt e Adela Cortina, que ainda não aparecem em muitos Manuais, ou são discriminação em alguns Programas de Pós-Graduações em Filosofia, onde não se permite, ou pelo menos não se incentiva, a elaboração de Trabalhos Acadêmicos acerca delas, ou quando, insistentemente, alguém as considera como “Filósofas” recebe severas críticas por parte das bancas examinadoras.

¹No que se refere à Idade Média, até onde conhecemos, o único Manual de Filosofia Medieval que traz ou classifica mulheres em seu elenco é o seguinte: SARANYANA, Josep-Ignasi. **História de la filosofia medieval**. 3. ed. Pamplona: EUNSA, 1999, o qual será uma de nossas principais fontes de pesquisa.

Esses e outros exemplos levam a afirmação popular, porém não muito científica, de que o pensamento Ocidental é essencialmente machista, no sentido de que foi, e é, construído essencialmente por homens.

Entretanto, apesar de todas as evidências, se vasculharmos a construção do Pensamento Ocidental, veremos que as mulheres sempre estiveram presentes, contribuindo indireta ou diretamente, seja como sujeito passivo ou ativo desta história. E até é possível identificamos a presença de algumas delas já nos tempos remotos, na Filosofia Clássica Antiga, por exemplo, passando pela Patrística (ou Alta Idade Média), pela Escolástica (ou Baixa idade Média) até alcançarmos o Renascimento. Eis o que investigaremos no presente trabalho.

Assim, embora encontremos a presença das mulheres dispersas nas Escolas e Obras de alguns pensadores da Idade Antiga e Antigo-Tardia, dando sua contribuição singela e indireta. Mas foi no alvorecer da Baixa Idade Média, em pleno período de efervescência intelectual, em que apareceu grandes personagens do Pensamento Ocidental, tais como Alberto Magno, Tomás de Aquino, São Boaventura etc, sendo por isso chamado, muitas vezes, de “primeira escolástica” ou “primeiro renascimento”, que encontramos as primeiras Pensadoras, responsáveis por um sistema autônomo, destacando-se como fecundas escritoras, donas de Obras tão profundas e importantes quanto as dos Pensadores de seu tempo, com os quais muitas vezes dialogaram em pé de igualdade. Dentro desse maravilhoso universo feminino do conhecimento, destacamos, até onde os registros nos permitem, os nomes de algumas Pensadoras.

1. As escritoras dos séculos XI-XII: entre a medicina, a filosofia e a mística

1.1. Trotula de Ruggiero (séc. XI)

Dado ao preconceito ou tabu, de que não convinha a uma mulher ser examinada o um homem, era comum na Idade Média, assim como hoje, nos meios populares as mulheres procurarem

uma as outras quando de suas “doenças femininas”, especialmente aquelas ligadas à sexualidade, o que levavam a certas mulheres tornarem-se “especialistas” ou “práticas” na arte da medicina caseira, a qual envolvia os mais diversos aspectos: identificação ou diagnóstico, cura ou tratamento, confecção ou preparo de medicamentos, acompanhamento da gravidez e realização de partos etc.

Devido a tal preconceito ou tabu, começou a aparecer mulheres dentro das Escolas de Medicina, nomeadamente da Escola de Sarleno - Itália, na costa do Mediterrâneo, destinadas a estudar medicina, para melhor servir à sua classe, especialmente no que se refere às chamadas “doenças femininas”. Foi o caso de Trotula de Ruggiero, uma mulher oriunda de uma família nobre de Ruggiero, esposa do médico Giovanni Plateario, que por volta do ano 1050 se destacou em relação às demais mulheres que faziam medicina na Escola de Salerno, por resolver não só estudar e cuidar de suas companheiras, mas divulgar, ou escrever para o mundo aquilo fazia, conforme chama destaca Chiara Zamboni:

Trotula, portanto, não é uma exceção na Escola de Salerno: outras mulheres se ocupavam daquilo que ela se ocupava. Exceção é o fato que ela havia escrito ou feito escrever os seus ensinamentos, pondo-lhes sob o plano de um saber transmissível. Os seus escritos são interessantes. Falam dela, além dos conselhos que ela dá às mulheres. Dizem da sua grande capacidade de olhar com destaque os fatos, da ligação entre eles, de trazer indicações práticas de cura².

Trotula de Ruggiero escreveu duas obras: *La malattia delle donne* (As doenças das mulheres) e *Sui cosmetici* (Sobre os cosméticos), nas quais, além de contar suas experiências práticas de medicina, introduz uma reflexão filosófica do corpo, especialmente do corpo feminino, e é isso que torna Trotula diferente das demais mulheres médicas da Escola de Salerno.

²ZAMBONI, Chiara. **La filosofia donna:** percorsi di pensiero femminile. Colognola ai Colli: Demetre, 1997. p. 19.

Para tanto, baseada no pensamento de Galeno, médico famoso do período imperial de Roma (cerca de 200 d. C.), Trotula faz uma ligação entre a natureza (corpórea) de uma pessoa e o universo ou o cosmo como um todo. Para tal, estabelece uma relação entre o macrocosmo e o microcosmo, no qual o homem é um micro, e internamente, no homem, há uma relação entre suas características físicas particulares (o micro) e o todo (macro). Resumindo, Trotula buscava explicar o homem numa visão de conjunto, na qual as partes devem está relacionadas harmonicamente, para que há saúde.

Dentro desta perspectiva, Trotula estudava e tratava das doenças, especialmente das “doenças femininas”, ligadas à sexualidade, de forma filosófico-naturalista, sem nenhuma conotação moral.

Mais do que isto, segundo Chiara Zamboni, nos seus ensinamentos práticos, tais como “remédios, ervas medicinais, sugestões de para posições mais justas para o parto, a sua atenção vai também para beleza do rosto, dos cabelos e em geral para beleza do corpo”³. Daí a sua obra *Sobre os cosméticos*.

E tal preocupação não tem um sentido frívolo, mas faz parte de sua “Filosofia Médica”, ligada a uma “Filosofia da Natureza” maior, na qual adota a máxima de que “a beleza é sinal de um corpo saudável”.

Para ele, “cuidar da beleza é um modo de reencontrar a harmonia do corpo, que significa também reencontrar com a natureza como um todo, dada a ligação entre o ser humana e o universo”⁴.

Com o passar dos tempos o machismo predominou na Escola de Salerno a ponto dos médicos desta Escola, apesar de usarem os textos de Trotula, mudarem sua identidade, que passou a ter nome, ou melhor, um cognome de homem “Trotula, *o Médico*”.

³*Ibid.* p. 20.

⁴*Ibid.* p.20.

1.2 Santa Ildegarda de Bingen (1098-1179)

Não muito distante cronologicamente e filosoficamente de Trotula de Ruggiero temos Santa Ildegarda de Bingen que, como herdeira, tanto quanto a outra, da tradição médica de Galeno, fazia uma correspondência entre o ser humano e o cosmo. Para tanto, segundo Chiara Zamboni, diz que,

assim como o ano é dividido em quatro estações. Como o dia é dividido em quatro partes. Quatro são os temperamentos dos seres humanos: aquele melancólico, aquele colérico, aquele sanguíneo e o paciente. Quatro são, também, os elementos do corpo humano: a bile negra, a bile, o sangue e a flegma. Um certo caráter está ligado a uma determinada parte do dia e estação do ano, como está determinado por um certo elemento do corpo⁵.

Porém, na prática, as duas pensadoras tinham características diferentes, haja vista que Trotula de Ruggiero era casada e exercia a medicina de forma ativa, já Santa Ildegarda de Bingen foi religiosa, chegando a ser abadesa de um convento⁶, por isso misturava vida ativa, quando de suas práticas médicas curando com ervas e experimentos derivados de minerais e vegetais, e vida contemplativa, chegando a ter experiências místicas e tratando, em seus escritos, de outros assuntos além da medicina e botânica⁷.

⁵ZAMBONI, 1997, p. 23.

⁶Segundo SARANYANA, 1999, p. 153, nota 41, Santa Ildegarda “nasceu em 1098, em Bermersheim – sede dos barões de Bermersheim – próximo de Alzey, na Franconia-Reunia. Com a idade de oito anos foi confiada a abadesa Jutta de Spanheim, no convento das beneditinas de Disibodenberg, que foi sua mestra (*magistra*). Era um mosteiro misto e consta que na instrução de Ildegarda interveio também o monge Volmar. Ildegarda se fez beneditina e em 1136 sucedeu Jutta, como abadesa. Em 1147 fundou o mosteiro de Rupertsberg, próximo de Bingen – para onde transferiu a comunidade de Rupertsberg -, e mais tarde outro mosteiro nas proximidades de Eibingen. Morreu no mosteiro de Rupertsberg, em 1179”. Já ZAMBONI, 1997, p. 24, discordando um pouco de J.-I. Saranyana, diz que Santa Ildegarda “nasceu em 1098 em uma cidadezinha próxima a Magonza, na região renana [...]. Como era costume das famílias aristocratas numerosas, foi confiada aos oito anos de idade a um mosteiro [...]. Em 1136, antes de sua morte, foi eleita abadesa das suas irmãs”.

⁷Especificamente sobre medicina escreveu apenas uma obra, conforme veremos mais adiante: *Physica* ou *Liber subtilitatum diversarum naturarum*

Em 1141, Santa Ildegarda de Bingen teve sua primeira experiência mística, momento em que recebeu - como diz ela - “o encargo de Deus” para escrever⁸. Mesmo assim esperou a autorização da Igreja para começar tal tarefa. E foi o próprio Papa Eugênio III, em 1147, quem autorizou que ela escrevesse suas visões. Visões estas que a própria Ildegarda assim descreve, no seu livro *Scivias (Conhecer o Caminho)*:

Quando tinha 42 anos e sete meses de idade, uma ardente luz de um intenso brilho veio do céu para se pôr por completo em minha mente, como uma chama que não queima mas que ilumina. Ela me preencheu totalmente, coração e alma, como um sol que esquentava algo com seus raios. E mais uma vez eu poderia ter o gosto de entender realmente o que diziam e o que significavam os Sagrados Livros - Os Salmos, os Evangelistas e os demais livros do Antigo e Novo Testamento⁹.

A partir de então, Santa Ildegarda de Bingen assumiu sua missão como uma verdadeira “profetisa”, com um carisma e modelo literário semelhante aos profetas do Antigo Testamento, em que aparecem os três elementos típicos do profetismo: 1. declaração de sua própria incapacidade; 2. iluminação do alto e 3. graça divina que o fez superar sua incapacidade, a exemplo de Jeremias, Isaías etc. Daí dizer Chiara Zamboni que em diversos momentos de seus escritos, Santa Ildegarda de Bingen se declara

creaturarum, que após sua morte foi dividido em dois: *Liber compositae medicanae* e *Liber simplicis medicanae*, que é um tratado de medicina naturalista.

⁸A esse respeito, diz GUIMARÃES, Carlos Antônio Fragoso. Hildegard von Bingen. In: **O misticismo e os grandes místicos**. Disponível em: <http://geocities.yahoo.com.br/carlos.guimaraes/misticos.html>. Acesso em 24/02/2005: “Desde cedo ela passou a ter visões místicas de cunho transpessoal que lhe possibilitou, entre outras coisas, demonstrar um alto grau de clarividências e de premonições; de início assustada com as possíveis consequências de suas visões, ela não costumava relatar suas experiências transpessoais”.

⁹ILDEGARDA, *apud* GUIMARÃES, 2005.

ou se apresenta como uma “pequena mulher”, ou uma mulher humilde que não tem estudos¹⁰. Com a consciência que de

o conhecimento profético não tem a sua origem nela: Ildegarda se percebe como a portadora de um conhecimento. Ela é mensageira de uma verdade. Não é ela que produz esta verdade¹¹.

É o que vemos nas palavras da própria Profetisa:

As palavras que digo não provêm de mim, mas eu as vejo em uma suprema visão [...]. Conservo um lugar na memória para as coisas que aprendo na visão [...].

Vejo, escuto e reconheço no mesmo instante e no mesmo instante aprendo. Mas não entendo aquilo que vejo, porque não estudei [...]. Assim não acrescento outras palavras minhas aquilo que escutei na visão e me exprimo num latim não refinado [...].

As palavras que escuto são como uma chama ardente, assemelhando-se a nuvens que se movem no ar. E no mesmo céu vejo o brilho, mas não freqüentemente, de uma outra luz, que chamo luz vivente, que não sou capaz de explicar, nem como e nem quando¹².

E dentro deste espírito escreveu diversas obras, em que descreve suas visões ou mensagens recebidas de Deus, dentre as quais: *Scivias (Conhecer os caminhos do Senhor)*, primeira de suas obras, publicada em 1147, após a autorização do Papa, em que expõem, de forma ordenada, os mistérios da salvação: Criação, Encarnação e Redenção. Nos anos seguintes, até 1173, escreveu mais duas outras obras: *Liber divinorum meritorum (Livro dos Divinos Méritos da Vida)* e *Liber divinorum operorum (Livro das Divinas Obras)*, sendo este último inspirado no *Evangelho de São João*, em que trata de temas como a Trindade, a Criação e a Redenção, mas, também, traz sua antropologia filosófica, em que, a verdade revelada de que o homem foi criado à imagem de Deus,

¹⁰Apesar de apresentar-se como tal, “os estudiosos de história medieval reconhecem que nos seus escritos uma vasto conhecimento dos textos mais lidos nas Escolas e de Teologia e nas Universidades de seu tempo” (ZAMBONI, 1997, p. 26), sinal de que ela não era uma mulher sem estudos, como dizia.

¹¹ZAMBONI, 1997, p. 26.

¹²ILDEGARDA, *apud*. ZAMBONI, 1997, p. 25-6.

trabalha a questão da igualdade/diferença entre o homem e a mulher. Bem como, no *Liber divinorum operorum* (*Livro das Divinas Obras*), há uma série de pinturas da própria Idelgarda, que aparecem não só como ilustração (iluminuras), mas como meio de transmissão dos conteúdos.

Além disso, escreveu diversas *Epístolas*, dirigidas a outras monjas e monges, dentre eles São Bernardo de Claraval, a Bispos, Papas e Autoridades seculares, como, por exemplo, ao Imperador Federico Barba Ruiva, em que dá conselhos¹³, os quais tinham grande admiração e respeito para com seus conselhos, conforme diz Azucena Adelina Fraboschi, em Prólogo a tradução de uma das *Epístolas* de Idelgarda ao Papa Anastácio:

A obra da abadessa de Bingen leva a inconfundível marca do *modo feminino de pensar, de escrever, de atuar, de viver*: em uma palavra, de ser. E ainda assim logrou em seu tempo a aceitação, o respeito e a veneração de Papas, Reis, nobreza, hierarquia eclesiástica e religiosa, intelectuais, médicos, povo etc. Aceitaram sua ciência, respeitaram sua presença, veneraram suas virtudes¹⁴.

Além disso, escreveu outras obras menores, como *Expositio Evangeliorum*, sobre o ano litúrgico; *Solutiones triginta octo quaestionum*, sobre problemas teológicos propostos pelos monjes cisternienses de Villers de Brabante. Sobre medicina, entre os anos de 1151-1158, escreveu a Obra *Physica* ou *Liber subtilitatum*

¹³A esse respeito diz ZAMBONI, 1997, p. 27: “As visões são para ela como uma ponte criada entre si e o mundo. Idelgarda, consciente deste saber, entra no mérito das grandes questões políticas e religiosas do seu tempo. Volta-se diretamente ao Papa, aos Bispos ao Imperador Federico Barba Ruiva. Aconselha, julga, ordena com linguagem audaz”. Em Carta ao Papa Anastácio, por exemplo, segundo FRABOSCHI, Azucena Adelina. Prólogo. In: Carta de Hildegarda de Bingen al Papa Anastasio. Prol. y trad. de Azucena Adelino Fraboschi. Buenos Aires, Versiones – Revista de Traducciones Filosóficas – Centro ‘Afonso el Sabio’. n. 06, 2004. p. 14, Idelgarda admoesta severamente este, acusando-o de debilitar o poder da Igreja, por ter cedido as pressões políticas do Imperador na escolha do Bispo Wichmann, como Arcebispo de Magdeburgo, violando o acordo de Worn (1122), que havia posto fim a famosa “querela das investiduras”.

¹⁴FRABOSCHI, 2004, p. 13.

diversarum naturarum creaturarum, que após sua morte foi dividido em dois: *Liber compositae medicanae* (*Livro de Medicina Simples ou Física*) e *Liber simplicis medicanae* (*Livro da Medicina Composta ou As Causas das Enfermidades e seus Remédios*), que é um tratado de medicina naturalista e, finalmente, uma outra Obra de medicina *Causae et curae*¹⁵.

Além de escritora, médica e mística, Ildegarda de Bingen era, também, grande música e compositora, chegando a compor 77 canções litúrgicas para o uso do convento que estão reunidas em uma obra *A Harmoniosa Música das Revelações Celestiais* e um oratório dramático didático-moral intitulado *Ordo Virtutum* (*O Drama das Virtudes*). Bem como, era grande oradora, chegando a proferir *Sermões* em público, coisa rara em seu tempo, conforme nos informa Carlos Guimarães:

Ela foi uma extraordinária pensadora, uma grande filósofa e teóloga. Ela era uma freira que - coisa raríssima na época - fazia Sermões públicos, que, além de atrair pela riqueza de conteúdo o povo de sua época, atraía multidões pelo carisma e pela grande beleza física que possuía, como podemos ver pelas iluminuras que a representam e pelos relatos sobre ela. Dentre outras qualidades, ela era compositora (suas músicas foram recentemente gravadas), escritora, médica, botânica. Era muito dada ao estudo. De certa forma, durante o reinado das trevas, ela possivelmente tenha sido a primeira cientista após a destruição definitiva da Biblioteca de Alexandria¹⁶.

No que se refere à questão da igualdade/diferença entre o homem e a mulher, Santa Ildegarda de Bingen não pretendeu escrever um tratado feminista, mas acabou por entrar na discussão da época acerca desse assunto, em que prega a diferença e a complementaridade entre o homem e a mulher. Assim, embora trate da questão mais especificamente nas obras *Liber divinorum meritorum* e *Liber divinorum operum*, já no *Scivias*, fazendo uma analogia com os textos paulinos (Ef. 5), compara o amor espousal de

¹⁵Cf. SARANYANA, 1999, p. 154, nota 43 e p. 156.

¹⁶GUIMARÃES, 2005.

Cristo (esposo) e a Igreja (esposa) com o amor entre um homem e uma mulher. E aqui coloca o matrimônio como verdadeiro sacramento de amor, que numa perspectiva cristológica-eclesiológica, aparece como sinônimo de fidelidade, tanto entre Cristo e a Igreja, como entre um homem e uma mulher. Bem como, contra a seita herética dos Cátaros, define o prazer sexual no matrimônio como algo querido por Deus.

Mas é nas outras duas obras que sua antropologia aparece, em que, a exemplo de Trotula de Ruggiero, relaciona o ser humano com o resto do Universo. Para tal, fazendo uma leitura filosófico-religiosa, considera o ser humano como um microcosmo dentro da criação, em que deve assumir uma atitude ética de respeito para com a ordem criada e governada por Deus.

Dentro desta atitude ética, estabelece uma diferença biológica e psicológica entre homens e mulheres, com igual dignidade e necessidade de complementaridade entre ambos. No *Liber divinatorum meritorum*, por exemplo, explica que a perfeição de uma pessoa está precisamente em unir harmonicamente em si as características masculinas e femininas ao mesmo tempo. Assim, a brandura feminina que leva à debilidade, necessita do complemento da força masculina, enquanto a força masculina necessita da mansidão e clemência para não degenerar em dureza e crueldade. Ou seja, para Santa Ildegarda de Bingen, “a sabedoria é uma mulher forte que representa este ideal e considera que a base desta vida sábia está na contemplação”¹⁷.

Muito embora, em alguns momentos, acabe por deixar entrever um certo “feminismo” em seu pensamento, quando, ao interpretar o *Livro do Gênesis* (2, 18-22) acerca da criação da mulher, coloque a mulher como mais perfeita ou superior ontologicamente ao homem, visto que, se Eva foi criada ou tirada do homem, esta não veio diretamente da terra, como o homem, mas de uma substância superior a terra, o homem. Daí que, comparando o caráter ou temperamento do homem e da mulher, diz que o

¹⁷SARANYANA, 1999, p. 155.

homem é mais cruel e violento do que a mulher, dada a sua origem ontológica.

Bem como, quando fala de concepção de uma criança, apresenta uma visão totalmente revolucionária em relação à concepção aceita na época, especialmente àquela aristotélico-tomista, que afirmava ser o homem o responsável pela definição dos caracteres de uma criança, sendo a mulher apenas um elemento passivo, “um depósito ou receptáculo onde o homem colocava o esperma”, como dizia Aristóteles. Para Santa Ildegarda de Bingen, é o calor do útero materno que define ou dá a forma a uma criança a partir do seu sangue.

De qualquer forma, mantendo-se no seu esquema de diferença e complementaridade, diz que o versículo bíblico de que “o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus”, deve ser entendido em sentido genérico, como o “ser humano”, no qual está incluído a mulher, o que significa dizer que também a mulher é imagem de Deus, ou melhor, que nem o homem nem a mulher separadamente é imagem de Deus.

Mais do que isto, diferentemente de alguns Padres da Igreja que asseguraram a semelhança do homem com Deus apenas pela alma, Santa Ildegarda de Bingen inclui aí também o corpo e, é claro, o corpo feminino, conforme acentua J.-I. Saranyana:

Convém assinalar que para Bingen, a mulher não é só imagem de Deus enquanto alma, senão também enquanto corpo, quer dizer, pela carne, chegando mais longe, em suas expressões, que alguns importantes pensadores contemporâneos seus, que só se atreveram a assinalar o conteúdo inconológico da alma, excluindo o corpo, tanto do varão como da mulher¹⁸.

Finalmente, um outro tema desenvolvido por Ildegarda, fora à questão eclesiológica de seu tempo. Por denunciar o estado de corrupção em que se encontrava o clero de sua época, foi muito atacada durante toda sua vida. Mas, segundo Carlos Guimarães,

¹⁸SARANYANA, 1999, p. 155.

o pior ainda viria no último ano de sua vida. Visto que ela, caridosamente, enterrou, em seu convento, um jovem revolucionário que havia sido excomungado, quebrando assim uma das mais rígidas leis eclesiásticas da Igreja. Os Bispos exigiram que ela exumasse o corpo, considerado indigno de repousar em terra santa. Ela recusou-se. Dizendo que o jovem morrera em graça e em comunhão com deus. Seu convento foi imediatamente interditado e ela e suas irmãs foram proibidas de participarem da missa¹⁹.

Apenas alguns meses antes de sua morte, ainda segundo Carlos Guimarães, seus direitos foram restaurados. Finalmente, em 17 de setembro de 1179, aos 81 anos, sofreu um colapso. No momento de sua morte, “duas listas de luz surgiram no céu e adentraram em seu quarto. A partir de então, Ildegarda foi cultuada como uma mensageira de deus entre os Homens”²⁰. Além, disso, cultivava-se na memória popular a história de “seu espírito, rejuvenescido, foi visto várias vezes andando e cantando pela capela, com uma expressão de doce júbilo no rosto. Ela cantava a sua mais conhecida canção: ‘O virgia Ac Diadema’”²¹.

1.3 Santa Elisabeth de Schönau (1129-1165)

Contemporânea seguidora de Santa Ildegarda de Bingen foi Santa Elisabeth de Schönau, nascida em 1129, de uma nobre família das redondezas de Bonn-Colônia – Alemanha, que aos doze anos de idade foi conduzida ao mosteiro das beneditinas de Schönau, não longe Bingen, para fazer seus estudos. Em 1147 se fez beneditina, e já em 1152 começou sua experiência mística com uma série de êxtases e visões que se repetiram ao longo de sua vida. Em 1157 foi eleita mestra (*magistra*). Por sua influência seu irmão Egbert, que era clérigo secular, fez monge beneditino, no mosteiro masculino de Schönau, passando a ser confessor de sua irmã e colaborador na redação de suas obras, que apenas sabia latim, de forma que, segundo J.-I. Saranyana, “às vezes é difícil

¹⁹ GUIMARÃES, 2005.

²⁰ *Ibid.*

²¹ *Ibid.*

distinguir a autoria”²². Santa Elisabeth de Schönau faleceu em 1165.

Embora tenha sido fortemente influenciada pelos escritos de Santa Ildegarda de Bingen, inclusive consta de que tenham sido amigas e tenham mantido correspondências²³, as experiências místicas de Santa Elisabeth de Schönau são muito diferentes das de sua conterrânea. Segundo J.I. Saranyana, “Ildegarda teve visões e audições interiores, sem êxtases ou repercussões físicas; os fenômenos místicos de Elisabeth consistiam em êxtases, visões e aparições, acompanhadas de alterações físicas²⁴.”

Suas mensagens, em seus escritos, resultado de suas visões místicas, centravam-se, sob forma de crítica, dirigiam-se a todos os setores da sociedade, mas, de maneira especial, a Igreja, em que conclamava uma necessidade urgente de mudanças (reforma) nos costumes dos religiosos e, principalmente, do clero secular.

Seus escritos tiveram grande difusão, muito embora não tenha, tido o mesmo alcance dos escritos de Santa Ildegarda de Bingen.

Além de Trotula de Ruggiero, Santa Ildegarda de Bingen, Santa Elisabeth de Schönau, entre os séculos XI e XII, tivemos Heloísa²⁵, personagem do belo e dramático romance com o filósofo

²²SARANYANA, 1999, p. 156. Apesar desta dificuldade, atribui-se a Santa Elisabeth de Schönau, como resultado de suas revelações, as seguintes obras: *Liber revelationum de sacro exercitu virginum coloniensiium*, que inspirará, na Idade Média, o culto e difusão do mito das onze mil virgens; *De resurrectione beatae Mariae matris Christi*, sobre a vida e a assunção de Maria; *Liber viarum Dei*, em que conclama a penitência e a reforma dos costumes na Igreja (Cf. SARANYANA, 1999, p. 157, nota 54).

²³Entre cartas escritas a Santa Ildegarda de Bingen e a outras personalidades (bispos, abades, monjas etc) o Epistolário de Santa Elisabeth de Schönau consta de vinte e oito cartas.

²⁴SARANYANA, 1999, p. 156-7.

²⁵ Segundo ROCHA, Zeferino. Paixão, violência e solidão: o drama de Abelardo e Heloísa no contexto cultural do século XII. Recife, Editora Universitária da UFPE, 1996. p., “Dos pais e da infância de Heloísa nada se conhece de historicamente comprovado. Sabemos, apenas, que ele, desde pequena, foi

Pedro Abelardo (1079-1142). Uma mulher que, embora não nos tenha deixado nenhuma obra, exceto as *Cartas*²⁶ escritas ao referido Filósofo, aparece na história como uma mulher culta ou, como diz o próprio Abelardo, “formossíssima em todo o Reino por causa dos seus conhecimentos em ciências literárias²⁷”, capaz de discutir filosofia com os peritos na arte da lógica e da dialética e que dominava muito bem o latim, além ter um bom conhecimento da língua grega e hebraica²⁸.

2. As místicas de Helfta, na Alemanha

2.1. Santa Matilde de Hackeborn (1241-1299)

Segundo J.-I. Saranyana, Santa Matilde

nasceu em 1241, de uma família de barões de Backeborn, proprietários de grandes bens em Turingia e em Harz. Aos sete anos de idade foi levada ao monastério de Rodersdorf (depois para Helfta)²⁹, onde sua irmã maior, Gertrudis, era abadesa [...]. Muito

educada na Abadia beneditina de Argenteuil (subúrbio de Paris). E aí está o segredo de sua extraordinária cultura. Mas, o fato de tão cedo ter sido enviada para receber uma educação primorosa numa abadia de monjas beneditinas e de ter um tio que pertencia ao grupo muito restrito dos cônegos de Notre Dame (celeiro de onde, em geral, os bispos eram escolhidos), parece indicar que Heloísa pertencia a uma família nobre da região parisiense”.

²⁶Das *Cartas* de Heloísa temos duas traduções no Brasil: ABELARDO, Pedro ; HELOÍSA. Correspondências de Abelardo e Heloísa. Trad. de Lúcia Santana Martins. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 154 p.; ROCHA, Zeferino. Cartas de Abelardo-Heloísa: as cinco primeiras cartas traduzidas do original apresentadas e comentadas. ed. bilingue. Recife: Imprensa Universitária da UFPE, 1997. 377 p.

²⁷Cf. ABELARDO, Pedro. Ep. I, 44 - História de minhas calamidades *In*: ROCHA, 1997, p. 73, que diz, na íntegra: “De rosto, ela não era das mais belas, mas era suprema pela abundância dos conhecimentos literários. Levando em consideração que este dom da ciência literária era muito raro entre as mulheres, isso recomendava muito mais a jovem e a fazia formosíssima em todo o Reino”.

²⁸ Cf. ROCHA, 1996. 218, especialmente a nota n. 3. Além disso, numa das cenas do filme “Em Nome de Deus”, que narra o belo e dramático romance de Abelardo e Heloísa, o Bispo de Paris chega a dizer que “ela sabe latim, grego e hebraico mais do que um homem com o dobro de sua idade”.

²⁹Segundo SARANYANA, 1999, p. 246, o mosteiro a que foi levada Santa Matilde de Backeborn (e depois Santa Gertrudis, a *Grande*), era o mosteiro feminino cisterniense, que fora fundado em Mansfeld (1229), se transferiu para Rodersdorf (1234) e, posteriormente, para Helfta (1258). Tais monjas seguiam a

jovem foi mestra (*magistra*) e – por seus dotes musicais – cantora (*cantrix*) do convento. Em 1261 recebeu como aluna uma menina de cinco anos, que chegará a ser Santa Gertrudis, a quem se uniria com grande amizade. Faleceu em 1299³⁰.

Ainda segundo o supracitado comentador³¹, desde a juventude Santa Matilde de Backeborn teve várias experiências místicas, as quais ocultou até os cinquenta anos de idade. Mas, durante seus últimos anos de vida, especialmente de 1291 a 1299, período em que ficou enferma sob uma cama, resolveu contar suas experiências, as quais foram colhidas e escritas por sua aluna e amiga predileta Santa Gertrudis, *a Grande*. Antes de falecer Santa Matilde de Backeborn teve a oportunidade de lê e confirmar como seus os escritos de Santa Gertrudis, *a Grande*, dos quais se conservam seu *Liber specialis gratiae*, que é uma cópia do original em alemão *Das Buch der geistlichen Gnaden*.

Santa Matilde de Backeborn tinha uma especial devoção para com o Sagrado Coração de Jesus, de que tinha freqüentes visões ou experiências místicas, daí seu pensamento ser essencialmente cristológico, que seria a base de sua espiritualidade eclesiológica, na qual prega a extensão da comunhão entre Cristo e os santos aos demais membros da Igreja.

2.2. Santa Gertrudis, *a Grande* (1256-1302)

Das origens de Santa Gertrudis, *a Grande*³², pouco se sabe. Apenas que em 1261 chegou ao convento de Helfta, na Sajonia

Regra de São Bento, porém a direção espiritual estava confiada aos Dominicanos de Halle. Tanto é assim que, segundo o mesmo comentador, “através dos Dominicanos, Santa Matilde de Backeborn conheceu os escritos de Alberto Magno e Tomás de Aquino” (p. 247, nota 108).

³⁰ *Ibid.* p. 247, nota 108.

³¹ Cf. *Ibid.* p. 247-48.

³² O cognome *a Grande*, é para diferenciar das demais Gertrudis existentes na mesma época de Santa Gertrudis, *a Grande*, tais como: Gertrudis de Hackeborn, abadesa de Helfta, mosteiro onde Santa Gertrudis, *a Grande*, habitava (1241-1297; a beata Gertrudis de Altengerg (1227-1297); Santa Gertrudis de Delft, falecida em 1358 etc. (Cf. SARANYANA, 1999, p. 248, nota 110).

(Alemanha), com cinco anos de idade, onde seria educada pela mestra Santa Matilde de Backeborn, e viveu até os fins de sua vida.

Em seus primeiros anos de educação conventual conheceu e se deixou levar pela cultura profana, lendo literatura, filosofia e artes clássicas, provavelmente oferecidas pelos Dominicanos, uma vez que a orientação espiritual/educacional do mosteiro estava entregue a eles. Os reflexos desta primeira fase da formação de Santa Gertrudis, *a Grande*, se fazem presentes nas suas obras da maturidade, onde, segundo J.-I. Saranyana, há sinais da “riqueza do Dionísio Pseudo-Aeropagita e da precisão de Santo Tomás”³³.

Mas, em 27 de janeiro de 1281, depois de uma crise interior, Santa Gertrudis, *a Grande*, teve uma visão de Cristo e mudou totalmente. A partir de então, segundo J.-I. Saranyana, “se empenhou em levar uma vida de oração e contemplação, acompanhada de experiências místicas: deixou os estudos clássicos e se centrou nas Sagradas Escrituras, nos textos dos Padres e teólogos”³⁴.

Bem como, seguindo a linha de sua Mestra, Santa Gertrudis, *a Grande*, desenvolveu grande devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a Eucaristia, dedicando-se a organização da liturgia e das festas religiosas.

Suas revelações estão recolhidas em duas obras: *Legatus divinae pietatis*, que consta de cinco livros, sendo que apenas um foi escrito por ela mesma, os demais foram escritos por uma monja que convivia com ela, a partir de anotações de experiências vividas por ela. Outra obra sua leva o título *Exercita spiritualia*³⁵, que reúne sete meditações, uma espécie de tratado espiritual que lê a uma união com Deus mais perfeita, da qual se tem uma versão em

³³SARANYANA, 1999, p. 248.

³⁴*Ibid.* p. 248.

³⁵Das três místicas de Helfta, Santa Gertrudis, *a Grande*, foi a única que escreveu suas obras em latim, o que presume-se que as outras duas não dominavam tal língua. As outras duas escreviam em alemão, chamado médio-alto-alemão.

casteliano com título *Heraldo del amor divino* (Barcelona, 1945)³⁶.

2.3. Santa Matilde de Magdeburgo (1210-1294)

A mais fecunda e mais importante das três místicas de Helfta é sem dúvida Santa Matilde de Magdeburgo, uma jovem de família nobre que com a idade de vinte anos abandonou a vida mundana para viver entre as Beguinhas³⁷ de Magdeburgo em rigorosa vida de penitência.

³⁶Cf. SARANYANA, 1999, p. 248.

³⁷Segundo SARANYANA, 1999, p. 248-9, ainda hoje “se discute muita acerca da origem das Beguinhas. O mais provável é que se trata de associações de mulheres piedosas que faziam vida comum sob a direção de uma ‘mestra’ e se dedicavam à piedade e as obras de caridade”. Igualmente, diz ZAMBONI, p. 30: “As beguinhas eram mulheres que decidiam seguir uma vida de cunho religioso, vivendo juntas em certos quarteirões da cidade grande. Não estavam ligadas a nenhuma autoridade da Igreja [...]. Escolhiam um gênero de vida modesta, que se aproximava aos movimentos religiosos mais radicais, que escolhiam a pobreza como modo de vida”. Ou seja, trata-se de leigas penitentes que, segundo VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental* (séc. VIII – XIII). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p. 120, “desde as últimas décadas do século XII, nas regiões correspondentes à atual Bélgica, constituíam-se assim agrupamentos de mulheres chamadas Beguinhas, que viciam em comunidade sob a direção de uma delas, sem pronunciarem votos religiosos propriamente ditos e associando o trabalho manual e a assistência aos doentes a uma intensa vida de oração” E, mais adiante, completa: “Eram celibatárias ou viúvas que, em idade adulta, assumiram uma vida religiosa individual ou comunitária, uma vivência associada à prece, à prática da caridade e ao trabalho manual” (p. 152). Por isso, não eram reconhecidas pela hierarquia oficial da Igreja, antes pelo contrário, foram consideradas heréticas, adeptas ou simpatizantes da “heresia do Espírito Livre”, pelo Concílio de Viena, em 1311-1312, conforme informa RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Trad. De Marco Antônio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 73: “Beguinhas e beguinos foram acusados e sentenciados por serem adeptos da ‘heresia do Espírito Livre’. ‘O Espírito Livre’ era um estado de espírito, relacionado estritamente com o movimento místico ortodoxo. Seus adeptos eram indivíduos, muitos dos quais mulheres, cuja principal motivação era a busca da perfeição espiritual. Eles esperavam atingi-la através da imitação da vida apostólica e enlaçando, no decorrer de suas vidas, uma união total e permanente com Deus. De fato acreditavam que alcançar este estado de perfeição os tornaria incapazes de pecar e os libertaria das restrições morais convencionais e da

É provável que tenha recebido uma boa formação educacional por parte da família, pois, quando começou a frequentar as Beguinias, embora fosse considerada “sem instrução” ou sem conhecimento das Sagradas Escrituras e dos Santos Padres, o mesmo não se pode dizer das artes profanas, das quais tinha grandes conhecimentos.

Santa Matilde de Magdeburgo conviveu por cerca de trinta anos com as Beguinias, mas ainda jovem começou a ter experiências místicas, a partir das quais começou a propor reformas profundas em sua comunidade e na Igreja como um todo, fato estes que a levou a ser criticada e hostilizada por suas companheiras de comunidade e setores da Igreja.

Nesta época, sob a orientação do dominicano Enrique de Halle, Santa Matilde de Magdeburgo colocou suas experiências em uma obra de seis livros, na qual expressa sua preocupação para com a Igreja: o relaxamento dos costumes, principalmente entre os clérigos e religiosos, foram denunciados claramente, seguido de uma insistente necessidade de mudanças.

Depois de sofrer muito com as perseguições por parte das Beguinias, transferiu-se para o mosteiro de Helfta, onde passou o resto de sua vida, sob a proteção da abadessa Gertrudis de Heckeborn e sob a orientação espiritual/intelectual dos Dominicanos.

Ali, na companhia de Santa Matilde de Heckeborn e Santa Gertrudis, *a Grande*, Santa Matilde de Magdeburgo encontrou ambiente propício para desenvolver sua experiência mística.

obediência à Igreja. Esta posição de amoralismo teórico facilitou aos adversários do Espírito Livre deduzir dela um padrão de imoralidade real e ativa. Mas, na realidade, eles acreditavam que a perfeição só poderia ser alcançada pela prática do extremo ascetismo e de uma vida apostólica”. E, na página seguinte, conclui: “No concílio de Viena (1311-12), o papa Clemente V editou uma bula que denunciava a heresia do *Espírito Livre* e condenava as beguinias por violarem a proibição sobre a criação de novas ordens” (p. 74). Como veremos mais adiante, será das beguinias que sairá a escritora Margherita Porete, que será queimada como herética, pela Santa Inquisição.

Como centro de sua experiência mística Santa Matilde de Magdeburgo desenvolveu a chamada mística do “Amor Cortês”, em baixo alemão *Gottesmine*, que vem do médio-alto-alemão *Mittelhochdeutsch* ou simplesmente *mine*, que na lírica dos trovadores medievais, é um amor gratuito, bom, verdadeiro, delicado e de serviço que um homem professava por uma mulher, sem esperar nenhuma recompensa, senão o próprio prazer de amar ou a “alegria de amar”, conforme explicada Zeferino Rocha:

A única recompensa do amor cortês é a alegria de amar. Esta alegria é traduzida, no dialeto accitano, pela palavra ‘Joy’, que indica uma alegria muito mais da ordem do gozo (*gaudium*), do que da ordem do prazer libidinal. Noutras palavras, o amor cortês é uma dádiva de amor que se alimenta na doação de si mesmo, de um modo inteiramente gratuito, sem nenhuma recompensa outra que a alegrei da amar³⁸.

Sendo que no caso da mística Santa Matilde de Magdeburgo, *Gottesmine* adquire um caráter religioso com duplo sentido: por um lado, significando o amor dirigido exclusivamente para Deus ou ao próximo em função de Deus, o qual, por sua vez, passa a ser sinônimo de *caritas* e, por outro, num sentido contrário, o amor de Deus ou de Cristo para com os homens. Assim, analogamente ao amor córtex ao sexo oposto, na mística de Santa Matilde de Magdeburgo, *Gottesmine* tem um significado de sofrimento para com o Amado – Deus. Mais do que isto, *mine* (o amor) passa para o feminino, que nos diálogos de escritos por Santa Matilde de Magdeburgo aparecem como *Frau Mine* (a Dama Amor), ligadas à alma ou a consciência.

Segundo J.I. Saranyana, nos escritos de Santa Matilde de Magdeburgo,

as virtudes são consideradas como virgens que servem a pessoa humana – a que chama de ‘rainha’-, para que esta sirva a Deus e cumpra a vontade Dele. Como todas as místicas de Helfta teve uma

³⁸ROCHA, 1996, p. 136-37.

devoção espontânea, profunda e esteticamente bela, para com a Virgem Maria, a que considerava modelo de mulher³⁹.

Da mesma forma que Santa Matilde de Heckeborn, Santa Matilde de Magdeburgo não dominava o latim, daí que a sua única obra, *Das fliebende Licht der Gottheit (A Luz Rutilante da Divindade)*, foi escrita baixo-alemão.

3. As escritoras heréticas dos séculos XIII-XIV

3.1 Margherita Porete (†1310)

Segundo Chiara Zamboni, da vida de Margherita Porete⁴⁰ pouco se sabe, apenas, pelos autos de sua condenação, que fora uma beguina⁴¹ e que tenha sido queimada na fogueira, como herética, na Praça de Paris, em 1310, por causa de seus escritos, especialmente pela obra *Lo specchio delle anime semplici*, que, embora tenha aparecido anonimamente, lhe fora atribuído à autoria⁴².

Segundo Chiara Zamboni⁴³, a condenação de Margherita Porete centrou-se em dois pontos básicos de sua:

1. a não necessidade da observância das virtudes [cardeais ou cristãs], que eram apontadas pela Igreja como necessárias para se alcançar à salvação;

³⁹SARANYANA, 1999, p. 250.

⁴⁰ZAMBONI, 1997, na p. 31, refere-se a Margherita Porete como proveniente de Hainaut, Nordeste da França.

⁴¹Conforme vimos anteriormente, quando apresentamos a vida de Santa Matilde de Magdeburgo, é provável que as beguinas fossem uma associação de mulheres que faziam vida comum sob a direção de uma ‘mestra’ e se dedicavam à piedade e obras de caridade. RICHARDS, 1993, p. 73, confirma a informação que Margherita Porete tenha sido condenada e morta por causa de seu envolvimento com as beguinas, adeptas da “heresia do Espírito Livre”: “O medo provocado por esta heresia [O Espírito Livre] cristalizou-se em torno da figura de Margarida Porete, uma beguina intinerante que escreveu um livro chamado *The Mirror of Simple Souls*. Acusada de heresia, se recusou a retratar-se, e foram, ela e seu livro, queimados numa fogueira em 1310”.

⁴²ZAMBONI, 1997, p. 29-30.

⁴³Cf. *Ibid.* p. 31-32.

2. a possibilidade de se seguir livremente a própria natureza em qualquer situação.

Pontos estes, que ficaram conhecidos pelo nome de “princípios da alma livre”, que se opunham radicalmente à idéia de uma comunidade de fieis guiados por uma hierarquia eclesiástica.

Para Margherita Porete a comunidade das “almas livres” é a “grande Igreja”, enquanto a comunidade dos fieis guiados pela hierarquia eclesiástica, das “almas complexas”, é a “pequena Igreja”. Mais do que isso, a Igreja das “almas livres” é chamada de “simples” (daí o título de sua obra *Lo specchio delle anime semplici*) que significa, além de “não complexa”, “una”, filosoficamente monista, contrariamente à Igreja hierárquica que é complexa ou dualista, por pregar uma dicotomia existencial entre o querer e o fazer, entre a vida ativa e vida contemplativa, que Margherita Porete chama do “conflito entre o interno de si e o externo de si”, pelo qual uma das partes sente uma espécie de falta de alguma coisa (de si mesma) e a necessidade de ir buscar lá fora. Falta esta que nos faz sofrer.

Na “pequena Igreja”, o homem busca suprir esta necessidade ou a sua perfeição fora de si, no fazer, na Igreja Hierárquica. Já na “grande Igreja”, das “almas livres”, o homem busca em si mesmo, na sua própria natureza, através das boas obras e de uma vida regada e controlada pela vontade livre. Buscam o bem, portanto, dentro de si mesmo, na vida contemplativa, sem, no entanto, negar a vida ativa ou o fora de si, conforme diz Chiara Zambini, comentando as idéias de Margherita Porete:

A chave religiosa para compreender as almas complexas e as almas simples é esta. As almas complexas são as almas que buscam a Deus, que é Amor, fora de si, isto é, nas obras boas e nos comportamentos virtuosos. As almas simples coincidem com a unidade simples, que é Deus dentro de si e fora de si, ao que chamamos de Amor⁴⁴.

⁴⁴*Ibid.*, p. 35.

Assim, dentro do princípio de que não há necessidade de se seguir às regras da Igreja hierárquica para se alcançar à perfeição, mas tão somente a própria natureza ou a vontade livre, Margherita Porete diz que a “Igreja pequena”, das “almas livres”, não se regula sobre a lei, porque não há necessidade de indicar os comportamentos justos, distinguindo-os dos errados. Basta que as almas simples sigam a própria natureza, que coincide com o Ser, movendo-se sobre o amor. Por isso, Chiara Zamboni diz que os personagens principais do pensamento de Margherita Porete são “alma, amor e a razão ou a vontade”⁴⁵, onde a razão ou vontade, movida pelo amor, torna-se sujeito moral, ou há uma identidade ou unidade entre eles, tornado-se “una”, ao que chama de “alma simples” (alma nova), centrada em si mesma, por sua vez, se identifica com o próprio Amor ou Ser – Deus, havendo uma espécie de anulação da própria alma complexa (alma velha), centrada na dualidade, uma vez que não há mais diferença entre amor e vontade, mas apenas Amor, ou um salto da experiência empírica do agir, para uma experiência mística do amor, em que a alma vivencia o próprio Ser – Deus, com um único problema: a união ou identificação da alma com Deus se dá pela razão ou vontade livre, uma espécie de “luz da razão” que ilumina internamente a inteligência. Uma luz que se vê com o olhar (uma experiência) da alma, pela razão, semelhante a “sombra da luz vivente”, de que fala Santa Idelgarda de Bingen. Daí o caráter pagão ou racionalista (portanto, herético) da mística de Margherita Porete, conforme acentua Nelson Omegna:

Margherita Porete, uma adepta da seita dos *Irmãos do Espírito Livre*, que chegou a sentir uma anulação de sua alma, confundida no coração de Cristo, inferiu que, desde que a alma se fundia na essência do Senhor, não tinha mais qualquer resquício de vontade, e o que viesse a anelar deixava de ser pecado. Assim, pensava de ser emanação da vontade divina o que aspirasse a alma absorvida

⁴⁵ *Ibid.* p. 38.

em Deus, mesmo que demandasse à satisfação dos mais torpes apetites carnis⁴⁶.

Portanto, os homens não precisam de um guia fora de si, na Igreja hierárquica, por exemplo, para alcançarem a salvação, senão seguir a sua própria razão.

Além de Margherita Porete, o escritor Jeffrey Richards nos traz notícias de uma autora, italiana, chamada Cristina de Pisa (1364-1430), que, depois de se tornar viúva, aos 25 anos de idade, descreveu sua vida de casada. Diz o referido Autor que, em uma época de descontentamentos para com o casamento,

ela pinta um quadro convincente de um relacionamento baseado no afeto, no respeito e na consideração mútua. Em uma certa passagem, ela descreve a delicadeza de seu marido na noite de núpcias, quando ela tinha 15 anos e ele 24. Ele não exigiu sexo na primeira noite, querendo deixar que ela se acostumasse com a presença dele. Somente no dia seguinte ele a beijou demoradamente e prometeu que Deus o havia criado apenas para ser bom com ela. Durante o casamento, o amor e o afeto entre eles cresceu⁴⁷.

Referências Bibliográficas

ABELARDO, Pedro ; HELOÍSA. Correspondências de Abelardo e Heloísa. Trad. de Lúcia Santana Martins. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FRABOSCHI, Azucena Adelina. Prólogo. *In*: Carta de Hildegarda de Bingen al Papa Anastasio. Prol. y trad. de Azucena Adelino Fraboschi. Buenos Aires, Versiones – Revista de Traducciones Filosóficas – Centro ‘Afonso el Sabio’. n. 06, p. 13-17, 2004.

GUIMARÃES, Carlos Antônio Fragoso. Hildegard von Bingen. *In*: O misticismo e os grandes místicos. Disponível em:

⁴⁶ OMEGNA, Nelson. Diabolização dos judeus: martírio e presença dos sefardins no Brasil Colonial. São Paulo: Distribuidora Recorde, 1969. p. 103.

⁴⁷ RICHARDS, 1993, p. 45.

<http://geocities.yahoo.com.br/carlos.guimaraes/misticos.html>
Acesso em 24/02/2005.

OMEGNA, Nelson. Diabolização dos judeus: martírio e presença dos sefardins no Brasil Colonial. São Paulo: Distribuidora Recorde, 1969.

RICHARDS, Jeffrey. Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média. Trad. de Marco Antônio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ROCHA, Zeferino. Paixão, violência e solidão: o drama de Abelardo e Heloísa no contexto cultural do século XII. Recife, Editora Universitária da UFPE, 1996.

_____. Cartas de Abelardo-Heloisa: as cinco primeiras cartas traduzidas do original apresentadas e comentadas. ed. bilingue. Recife: Imprensa Universitária da UFPE, 1997.

SARANYANA, Josep-Ignasi. História de la filosofia medieval. 3. ed. Pamplona: EUNSA, 1999.

VAUCHEZ, André. A espiritualidade na Idade Média Ocidental (séc. VIII –XIII). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ZAMBONI, Chiara. La filosofia donna: percorsi di pensiero femminile. Colognola ai Colli: Demetre, 1997.

**Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa*

Doutor em Filosofia pela PUC/RS, Professor de Filosofia Patrístico/Medieval da UNICAP e do INSAF – Recife - Brasil, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia Antiga e Medieval – GEPFAM/UNICAP/CNPq, Presidente da Comissão Brasileira de Filosofia Medieval – CBFM.

Endereço do Autor:

Av. João de Barros, 1205/101
Espinheiro – Recife – PE
CEP 52021-180
E-mail: marcosc@unicap.br